

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**A INDIVIDUALIZAÇÃO DO SOCIAL. AFINAL, O QUE PODEMOS ALMEJAR
PARA ALÉM DESTA ROTA?**

LURDES P. OBERG

Dra. em Psicologia Clínica pela PUC/RJ. Pesquisadora associada ao Laboratório de Pesquisa e Intervenção Social, LIPIS, da PUC-Rio. Profa. Psicologia Social do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida e do Uni-IBMR. Supervisora em Psicologia Comunitária do Serviço de Psicologia Aplicada da UVA.

e-mail: lurdes.oberg@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar o processo de individualização social de nossos tempos, considerando a Psicologia Social como um analisador no processo da individualização do social. Este estudo conclui que devemos assumir um posicionamento ético-político, reconhecendo a relação existente entre os modos de existência de uma determinada formação social e a produção de modos de conhecimento desta realidade, valorizando rotas que enfatizem os processos de subjetivação nos processos grupais.

Palavras-chave: individualização; social; processos grupais

**THE INDIVIDUALIZATION OF THE PUBLIC SPHERE. WHAT CAN WE AIM BESIDE THIS
ROUTE?**

Abstract: The aim of this paper is to investigate the process of social individualization of our time, considering the Social Psychology as an analyzer in this process. It concludes that we must assume an ethical-political posture, recognizing the linkage between the modes of existence of a particular social formation and the production of ways of knowing this reality, highlighting routes that emphasize the subjective processes in group processes.

Keywords: individualization; social; group processes



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

INTRODUÇÃO

A pergunta que é feita no título deste artigo nos remete a uma inquietação vivida por todos nós, diante dos efeitos nefastos do incremento da individualização dos nossos tempos. Observamos que a liberdade individual conquistada no mundo moderno acentua-se exageradamente e os espaços possíveis existentes frutos de uma relação entre individualismo e coletivismo, fecham-se a cada instante.

Tomando como exemplo, os acontecimentos de nossa própria cidade assistimos uma tendência das massas expressarem suas posições e partirem para o encontro em acontecimentos festivos ou naqueles que expressam uma conquista, uma vitória. É evidente que as massas também mostram suas posições de outras formas. Mas talvez, as formas exteriorizadas com brutalidade são escutadas como ‘perigosas’ e punidas pontualmente, desconsiderando-se as relações entre fato e contexto. O positivo é sempre reforçado no tempo e aceito socialmente, a partir de uma posição binária que exclui a possibilidade do avesso ser compreendido como um “Deus nos acuda”.

Mostrarei neste artigo, a partir do posicionamento teórico da Psicologia Social o quanto fomos tomados na modernidade por uma posição dos pequenos grupos. Esta representação social de grupos isolados e produtivos emerge com força total e nos distanciamos sem perceber, de qualquer chance de inserção em movimentos sociais. Sabemos que a saída do ‘território’ promove deslocamentos subjetivos e estes por sua vez, são repudiados num modelo de socialização panóptica. Percebemos, ainda, que o termo ‘grupo’ é mais familiar do que massas e comunidade.

Desta forma, os grupos nos quais participamos ao longo de nossas vidas, seguem a lógica de um modelo ‘auto-centrado’ e individual. Os grupos, como veremos mais adiante, escapam a possibilidade de troca e inclusão no contexto macrossocial.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Bauman (2003) investiga o processo de individualização no estágio ‘líquido’ da modernidade, tempos de desengajamento. Os problemas, diz Bauman, são sofridos e enfrentados solitariamente e são inadequados à agregação numa comunidade de interesses à procura de soluções coletivas para problemas individuais. Inexistindo o caráter coletivo das queixas, podemos também esperar o “desaparecimento dos grupos de referência que ao longo dos tempos modernos serviram como padrão de medida relativa.” (p. 79). Bauman aponta o colapso dos “grupos de referências” e a ênfase na individualização, coincidindo com um aumento dos diferenciais de riqueza e renda.

O pensamento de Bauman nos instiga a pensar em novas buscas, em ousar frente aos parâmetros expostos na modernidade líquida. Este autor, com toda a sua inquietude, promove o leitor a novos posicionamentos num mundo ausente de comunidade.

PSICOLOGIA SOCIAL: UM ANALISADOR NO PROCESSO DA INDIVIDUALIZAÇÃO DO SOCIAL

A proposta da Psicologia Social de rever as relações indivíduo e sociedade é permitida pelo questionamento de seus próprios paradigmas, sua história e entendimento de sua trajetória, articulando-a às Ciências Humanas e Sociais. Podemos pensar com Silva (2005) que a própria expressão ‘psicologia social’ pressupõe uma perspectiva epistemológica característica da racionalidade moderna, que toma o sujeito e o objeto como duas realidades distintas. Tal perspectiva epistemológica, ao afirmar a separação entre o indivíduo e a sociedade, escamoteia a própria origem desta separação na lógica subjacente ao modo de produção capitalístico.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Silva explica que a configuração deste campo problemático onde emerge uma aproximação entre a psicologia e o social relaciona-se aos aspectos ligados a um deslocamento das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. Não nos esqueçamos que nas análises efetuadas por Foucault (1999; 1991) distinguem-se três ‘modelos’ de sociedade: as sociedades de soberania, as sociedades disciplinares e as sociedades de controle. Cada uma delas indica formas de atualização das estratégias de exercício do poder e das técnicas de subjetivação (apud Silva, 2005, p.39).

A constituição de um campo psi terá um papel fundamental nesta transição, uma vez que as formas de assujeitamento da subjetividade migram de um modelo mais coercitivo, onde a disciplina se impõe através do interior dos espaços fechados das instituições totais, para um modelo mais prescritivo, onde a disciplina se operacionaliza a ‘céu aberto’, criando novos modos de subjetivação, espalhando-se por toda parte.

Nas sociedades de controle, não se trata mais de proibir, mas ao contrário, de prescrever o comportamento que o indivíduo deve ter. A lógica disciplinar se expande e passa a se interessar pelas motivações dos indivíduos, dissolvendo as fronteiras entre o espaço público e o espaço privado, modelando assim tais motivações de acordo com os interesses do sistema capitalista (apud Silva, 2005, p. 51).

Desta forma, chamamos de individualização do social a este processo no qual se produz o incremento da noção de indivíduo (subjetividade privatizada) como o desenvolvimento de uma tecnologia que visa à direção e ao controle permanente destas populações tomadas enquanto conjunto de indivíduos (homogeneização da subjetividade).

Vale considerar que as primeiras aproximações da psicologia em direção ao social, na virada do século XX, pretendem explicar o social a partir do individual e que, como nos



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

mostra Silva, não cessam de produzir um expressivo reducionismo do potencial criativo e disruptivo imanente ao campo social.

O historiador Roberto Farr (1998) revela que, nesta virada do século XX, torna-se habitual, entre os que se destacam na área de ciências humanas e sociais, escrever tanto sobre o individual como sobre o coletivo. Este autor cita o caso de Wilhelm Wundt (1991) para mostrar que, embora os autores da época apreciassem ambos os projetos, distinguiam, em termos gerais, o nível individual e o nível do coletivo (isto é, a cultura ou sociedade).

Os objetos de estudo da *Völkerpsychologie* (ou Psicologia das Massas, do Povo, Psicologia Social) de Wundt eram a linguagem, a religião, os costumes, o mito e os fenômenos cognatos. “Estes fenômenos coletivos foram, inicialmente, produto de uma comunidade, ou de um povo (*volk*). Eles emergiram de interações entre indivíduos. Ao diferenciar entre indivíduo e a interação de indivíduos, Wundt estava indo à essência da questão” (Farr, 1999, p. 35).

Podemos citar ainda, Durkheim (1898), para mostrar que a distinção entre os dois objetos (representações coletivas e representações individuais) era o autor desejar estudar um deles, mas não o outro. São muitos os autores que reconhecem esta dicotomia, competindo à Psicologia o estudo do indivíduo, e à Sociologia o estudo da sociedade. Como tentar superar então a dicotomia indivíduo e sociedade?

Podemos considerar, ainda, o fenômeno das massas no final do século XIX, tornando-se um objeto de investigação sistemática. Uma nova relação com o coletivo se produz engendrando duas interpretações opostas: numa delas, o caráter subversivo das multidões seria o sinal que levaria a uma nova formação social, o proletariado, contra a opressão e a pauperização desencadeadas pela nova organização do capital; na outra, as multidões representariam uma massa irracional, imprevisível e ameaçadora à coesão social.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Marx (1975), por um lado, e Le Bon (1963), por outro, representam cada uma dessas posições antagônicas a propósitos das multidões (Silva, 2005).

Farr (1999) constata que, ao confrontar a racionalidade do indivíduo com a irracionalidade das massas, Le Bon (1895) ajudou a estabelecer um elo entre a Psicologia Social e a psicopatologia. Ao tomar a razão como o suporte para estabelecer a distinção entre o individual e o coletivo, produz uma primeira aproximação da psicologia em direção ao social, relacionando-o a uma dimensão patológica e ‘perigosa’, exigindo a intervenção de um líder para governá-la. A ‘contribuição’ da psicologia, nesse sentido, foi de ocultar uma dimensão política dos movimentos das multidões, destacando-se unicamente sua dimensão ‘patológica’. Reforça-se, assim, a idéia de indivíduo em detrimento do coletivo. O indivíduo é tomado como modelo para compreender o fenômeno das massas (Silva, 2005).

Para Le Bon (1895), a principal característica das multidões era a fusão dos indivíduos num espírito e num sentimento comuns. A sugestão explicaria como se produz o desaparecimento dos caracteres individuais para aparecer essa fusão dos indivíduos no grupo. A hipnose torna-se o modelo no qual a psicologia das multidões vai desenvolver o conjunto de sua orientação teórica, podendo ser aí explicada a ação do líder sobre as massas.

Silva explica que, ao descobrir o que une o líder ao povo, Le Bon (1963) fornecia “subsídios às classes dirigentes, que viam aí uma explicação plausível para justificar seu poder na condução das multidões desprovidas de razão” (p.60).

Para Farr (1999), a maneira como Le Bon (1895) formulou a questão sobre o indivíduo, sozinho e enquanto participante de uma multidão, teve conseqüências importantes tanto durante o período anterior à Segunda Guerra Mundial como depois.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Podemos pensar numa demonstração que privilegia uma interpretação dos fenômenos sociais em termos de indivíduos, sustentando assim uma individualização do social.

Este historiador (1998) destaca que “acontecimentos da vida real podem ter uma influência dramática no desenvolvimento histórico das disciplinas acadêmicas” (p.24). Discute o impacto da primeira e da segunda guerra mundial sobre o desenvolvimento da psicologia social. Poder-se-ia dizer que, conforme nos ensina Farr, a migração para a América de muitos líderes acadêmicos como Lewin, Heider, Kholer, Wertheimer é um fenômeno caracteristicamente americano, afirmativa feita pelos próprios autores americanos: Cartwright, Allport e Jones.

Embora as duas grandes guerras tenham sido um solo fértil para o desenvolvimento da Psicologia Social Psicológica, podemos, em contra-partida, destacar um expressivo trabalho freudiano sobre o social, escrito em 1921, influenciado pelos fenômenos de massa de um mundo em guerra: Psicologia das massas e análise do eu. Roudinesco (1998) nos mostra que a tradução inglesa de James Strachey das obras de Freud, ao passar o termo alemão *Massen* para *group* (grupo), em vez de *mass* (massa), optou por uma concepção reducionista do social, característica da psicologia social norte-americana, segundo a qual o grupo constitui o modelo, reduzido ao experimental da sociedade.

Observamos a grande influência desta psicologia social americana, intervindo nas leituras da tradução inglesa da obra de Freud, priorizando o ‘grupo’ e empobrecendo uma visão da conotação política que representa as massas naquele período histórico. Neste texto, Freud rejeita a oposição clássica entre psicologia individual e social, ou psicologia das massas. Roudinesco (1998) expressa que há, sempre, um outro na vida psíquica do indivíduo, e que, portanto, a psicologia individual é sempre social.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Impossível deixar de citar o texto *Mal-Estar na Cultura*, de Freud (1930), no qual a harmonia possível entre o registro do sujeito e o registro do social foi colocada em questão. É desta forma que o psicanalista Joel Birman (2005) discute o mal estar na cultura, demonstrando o rompimento do pensamento de Freud com o projeto iluminista. Os progressos científicos proporcionam muitas contribuições à vida dos homens, mas tornam-se incapazes de criar uma sociedade mais justa e harmônica. “Pelo enunciado da condição de desamparo da subjetividade no novo espaço social, foi a desarmonia dos laços sociais então sublinhada por Freud. Com isso, o discurso freudiano evidencia um estilo trágico da leitura da modernidade (p. 204)”. Assume, diz Birman (2005), uma crítica sistemática de sua versão inicial, esboçada em “Moral sexual civilizada e doença nervosa dos tempos modernos (1908)”. Se, neste último texto, o conflito entre o registro da pulsão e o da civilização poderia ser curável através da psicanálise, na versão final, seria necessário uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito pelo sujeito, de forma tal que este não poderia jamais se deslocar da posição originária do desamparo. Nesta mudança do registro da terapêutica possível para o registro da gestão, Birman nos propõe que o discurso freudiano adquire uma perspectiva ética e política sobre o conflito em questão.

Destaca-se, ainda, toda a produção dos autores da Escola de Frankfurt: Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas etc.

Para Japiassú e Marcondes (1999), o objetivo do grupo foi, de um lado, elaborar uma teoria crítica do conhecimento, aprofundando as origens hegelianas de Marx, e, de outro, introduzir um questionamento no sistema de valores individualistas. A Escola de Frankfurt, explanam os mesmos, sinaliza o caráter contraditório de conquista racional do mundo, pois racionalidade científica e técnica conseguem o feito de converter o homem num escravo de sua própria técnica. Realizam os teóricos de Frankfurt uma crítica da massificação da indústria cultural, dos totalitarismos, da concepção positivista do mundo.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A Psicologia Social Psicológica, de forma distinta de Freud, dos intelectuais da Escola de Frankfurt e da Psicologia Social Sociológica, “precisava de conhecimentos e de instrumentos que possibilitassem uma intervenção na realidade, de forma a obter resultados imediatos, com a intenção de recuperar uma nação, garantindo o aumento da produtividade econômica” (Bock, 2002, p.140-141). Esta psicologia social americana, de forma diferente da psicologia social européia, em vez de uma psicologia centrada no estudo da alma coletiva de uma multidão ou das manifestações culturais de um povo, orientava-se no sentido de privilegiar o estudo das relações interindividuais nos pequenos grupos.

Aqui no Brasil, na década de 70, iniciou-se, em algumas instituições, a crítica a esta Psicologia Social individualista norte-americana, que aqui estava ancorada e ao papel subserviente da ciência frente às questões de ordem macro-social. Desta forma, o interesse por novos referenciais, como Martin-Baró de San Salvador, os psicólogos russos Leontiev e Vygotsky e os franceses, entre eles, Serge Moscovici, fez-se presente (Spink, 1996, p. 170).

Nesta mesma direção, destacamos o conceito de comunidade que é introduzido no corpo teórico da Psicologia Comunitária, a partir da década de 70. A discussão do conceito de comunidade e sua compreensão histórica emerge com força total no bojo da reflexão de práticas individualistas na Psicologia. Não nos esqueçamos, ainda, do que nos lembra o sociólogo Bauman (2003): a experiência de comunidade é enfraquecida no capitalismo.

CONCLUSÃO

A Psicologia Social Crítica possibilita, assim, uma revisão dos modelos teóricos dos pequenos grupos do pós-guerra, partindo para o entendimento do processo grupal. O que está sendo priorizado nesta visão é a dialética indivíduo e sociedade, o processo histórico, a



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

partir do qual temos uma chance de priorizar os laços sociais e não naturalizar realidades que são vistas e percebidas pelos sujeitos como cristalizadas e imutáveis.

Nestes modelos teóricos tradicionais de pequenos grupos, marcavam-se apenas as influências sociais dos grupos sobre o indivíduo, sendo tais grupos ressaltados pela coesão e uniformidade. Almejamos a partir de uma leitura dos processos grupais, que os indivíduos também possam marcar uma posição subjetiva nos grupos e reconhecer as suas diferenças e semelhanças.

Por este viés nos aproximamos dos processos de subjetivação, pois estes representam uma possibilidade de apostarmos na forma como cada sujeito interpreta fenômenos sociais e coletivos de nossos tempos, criando uma nova rota para outras percepções e olhares. Olhares que busquem outros pares e que almejem a inserção em diferentes coletivos, distantes de grupos que se mostram coesos e harmônicos na aparência e que não conseguem assumir que o reconhecimento de conflitos e contradições favorece o compartilhamento de questões sociais e coletivas e o afastamento de um mundo auto-referente e individualista.

Finalizo sustentando que as teorias são construções sócio-históricas e que a partir deste estudo, compreendemos algumas possíveis justificativas de uma posição de 'irracionalidade' das massas presente hoje em muitas visões sobre movimentos sociais, minorias e formas de coletivismo que emergem e são capturados por instâncias do poder dominante.

O parágrafo anterior nos instiga a pensar sobre a responsabilidade que devemos assumir nas teorias construídas. Na sociedade contemporânea, as representações sociais são entendidas como explicações do senso comum, formas de entender e comunicar as teorias científicas. Este posicionamento ético e político promove uma nova rota, nos convidando a buscar articulações entre o mundo da teoria e o mundo da vida individual e coletiva.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. Comunidade. A Busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro:

Zahar, 2003.

BIRMAN, J. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. In: Physis: Revista Saúde Coletiva: Rio de Janeiro, IMS, UERJ, 15 (suplemento): p.203-225, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf>. Acesso em: 1 dez.. 2006.

BOCK, A.M.B. (Org.). Psicologias. Uma Introdução ao Estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

DURKHEIM, E. Représentations individuelles et représentations collectives. In: Revue de Métaphysique et de Morale, VI, 273-302. In: FARR, R. As Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p.31-59. 1898.

FARR, R. As Raízes da Moderna Psicologia Social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. As Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p.31-59.

FOUCAULT, M. (1991). Tecnologías del yo y otros textos afines. Barcelona: Paidós. In: SILVA, R. N. A Invenção da Psicologia Social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. (1999). Vigiar e Punir. 21 Ed. Petrópolis: Vozes. In: SILVA, R. N. A

Invenção da Psicologia Social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

FREUD, S. (1908). Moral Sexual Civilizada e doença nervosa dos tempos modernos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1980a. p.187-208.

_____. (1921). Psicologia do Grupo e Análise do Eu. Imago. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1980b. p.91-179.

_____. (1930). Mal-Estar na Civilização. Rio de Janeiro: Imago Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1980c. p.81-171.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LE BON, G. (1895). La Psychologie des Foules. Paris: Alcan. In : FARR, R. As

Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p.31-59. 1898.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

_____ (1963). La psychology des foules. Paris: PUF. In: SILVA, R. N. A Invenção da Psicologia Social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MARX, K. (1975). Las luchas de classes em Francia (1848-1850). Madrid: Ayuso. In: SILVA, R. N. A Invenção da Psicologia Social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, R. N. A Invenção da Psicologia Social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SPINK, P. Representações Sociais: questionando o estado da arte. Psicologia & Sociedade, Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social. São Paulo: ABRAPSO, vol.8, n. 2, julho/dezembro, 1996. p.166-185.

WUNDT, W. 1991. Individualism as collective representation. In: Aebischer, Verena, Deconchy, Jean-Pierre e Lipiansky, E. Marc (eds.) Idéologies et representations sociales.

Del val. In: FARR, R. As Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p.31-59. 1898.

Recebido: 04/12/2009

Aceito: 07/01/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br